

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE BRASÍLIA

FERNANDO ELVIS FREIRE DE PAULO

**BATISMO INFANTIL: UMA REAFIRMAÇÃO REFORMADA
PRESBITERIANA**

BRASÍLIA

2022

FERNANDO ELVIS FREIRE DE PAULO

**BATISMO INFANTIL: UMA REAFIRMAÇÃO REFORMADA
PRESBITERIANA**

Monografia apresentado ao Seminário
Presbiteriano de Brasília como requisito parcial
para obtenção de grau de bacharel em teologia

Orientador: Prof. M. Div. Rev. João Geraldo de
Mattos Neto

BRASÍLIA

2022

FERNANDO ELVIS FREIRE DE PAULO

BATISMO INFANTIL: UMA REAFIRMAÇÃO REFORMADA
PRESBITERIANA

Monografia apresentado ao Seminário
Presbiteriano de Brasília como requisito parcial
para obtenção de grau de bacharel em teologia

Prof. M. Div. Rev. João Geraldo de Mattos Neto

Prof. M. Div. Rev. Daniel Piva

À minha esposa, Isabela de Paulo, e as bênçãos que Deus nos deu durante os anos de seminário: Augusto e Pérola de Paulo.

AGRADECIMENTOS

Quero aproveitar o momento para agradecer a todos que me ajudaram, cito meus amigos, professores em especial meu orientador. Ainda mais minha esposa, que pacientemente me apoiou e me consolou muita das vezes.

Acima de tudo, agradeço ao meu Senhor, que ciente das minhas limitações, me concedeu a graça necessária para produzir este material.

Deo Gloria

RESUMO

O trabalho tem por finalidade explorar as questões que estão por trás dos motivos da igreja Presbiteriana defender a doutrina do Batismo infantil. Baseando suas convicções nas Sagradas Escrituras, que encontrando sua origem na aliança em Abraão e sua continuidade no NT para a igreja da nova aliança. Além dos textos Bíblicos, o desenvolvimento da doutrina pelos reformadores no séc. 16 e 17. Assim, ficando bem embasadas direções para a igreja, família e a criança que recebe o sinal da aliança por meio do batismo.

Palavras-Chaves: Batismo, criança, aliança, igreja

SUMMARY

The purpose of the work is to explore the issues behind the reasons for the Presbyterian Church to defend the doctrine of child baptism. Based on their convictions on the Holy Scriptures, which finding its origin in the covenant in Abraham and its continuity in the NT for the New Covenant Church. In addition to biblical texts, the development of doctrine by the reformers in the century. 16 and 17. Thus, being well based directions to the church, family and the child who receives the sign of the covenant through baptism.

Keywords: baptism, child, covenant, church

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ORIGEM BÍBLICA.....	11
1.1 Antigo Testamento	11
1.1.1 A aliança	12
1.1.2 O sinal	14
1.1.3 Significado	15
1.2 Novo Testamento	17
1.2.1 A continuação da aliança	17
1.2.2 Um novo sinal	19
1.2.3 Sua extensão	21
2 COMPREENSÃO REFORMADA.....	23
2.1 Doutrina aliancista	23
2.2 Nas confissões.....	31
2.2.1 Confissão Belga (1561)	31
2.2.2 Catecismo de Heidelberg (1563)	32
2.2.3 Segunda Confissão Helvética (1566)	32
2.2.4 Confissão de Fé de Westminster (1643-1646).....	33
3 ASPECTOS PASTORAIS.....	36
3.1 Na igreja visível	36
3.2 Na família	38
3.3 Na criança	42
CONCLUSÃO	45
Bibliografia.....	46

INTRODUÇÃO

Bromiley teve uma boa observação quanto ao entendimento de muitos membros de igrejas presbiterianas reformadas sobre o batismo infantil, ele disse: “O batismo infantil é um problema para muitos membros de igrejas reformadas, especialmente para aqueles que tiveram o início de sua experiência cristã e assumiram um compromisso pessoal com Cristo na juventude ou já adultos.” (2010, p. 11)

Mas não é de hoje que o pedobatismo (Batismo Infantil) tem sido uma grande dificuldade de aceitação. Calvino em sua obra magna separa um apêndice para descrever que certos espíritos frenéticos excitaram graves perturbações na Igreja em nosso tempo por causa do pedobatismo (2006, p. 311).

Watson, respondendo a visão contemporânea do pedobatismo, é ainda mais direto quando afirma que esta doutrina é um retrocesso e até questiona se não é uma prática pagã (1999, p. 99).

Para uma compreensão correta sobre o assunto, que responde a posição presbiteriana será estabelecido no primeiro capítulo a fundamentação Bíblica sobre o Batismo infantil, abrangendo o Antigo e Novo Testamento, além dos sinais de aliança e suas relações em todo o Canon.

No capítulo dois serão analisadas a compreensão dos reformadores sobre a doutrina da aliança, que por causa dela, entenderão e sistematizarão seu ensino em documentos confessionais, que até hoje são publicados e ministrados em igrejas reformadas pelo mundo.

Por fim, o terceiro e último capítulo estabelecerá as aplicações pastorais sobre a importância do batismo infantil. Importância que se aplicam na vida da igreja, da família da criança, e da própria criança.

O intuito deste trabalho é esclarecer a importância do pedobatismo na vida cristã, além demonstrar seu dever bíblico e aplicabilidade na vida do povo da aliança. Uma noção que os reformados presbiterianos precisam ter claramente a fim de influenciar seus pequenos no caminho que devem andar.

1 ORIGEM BÍBLICA

A origem do Pedobatismo sem sombra de dúvidas é um problema para muitas correntes teológicas que não conseguem ver sua base nas Sagradas Escrituras, sendo assim, este capítulo visa destacar a importância veterotestamentária¹, assim como o sinal estabelecido e o seu significado, em seguida, sua continuação neotestamentária², que naturalmente³ sofrerá mudanças, bem como seu sinal (que sofre uma mudança) e extensão do seu significado.

1.1 Antigo Testamento

Para a defesa do pedobatismo, considerar o Antigo Testamento com importância tanto quanto o Novo Testamento é fundamental. Para os credobatas⁴, a discussão sobre a doutrina foca-se apenas no NT por se encontrar ali a igreja modelo para os dias de hoje (HENDRIKSEN, 1932, p. 8). Mas isso é um erro, uma vez que se deve considerar o AT com a mesma importância:

O fato de a Escritura ser uma é de suprema importância. Por essa razão, a Escritura não pode contradizer ou divergir entre si. Um livro não pode diferir de outro, nem o Antigo do Novo Testamento. **A Escritura não pode ensinar uma coisa no Antigo Testamento e algo oposto no Novo**, nem um escritor humano algo diferente do outro. [...] A noção que o Antigo Testamento não é autoritativo para os cristãos do Novo Testamento, exceto onde o seu ensino é reafirmado no Novo Testamento, é uma negação da unidade da Escritura. O que está escrito no Antigo Testamento foi escrito para nós, como cristãos do Novo Testamento também (1Co. 10:11). (grifo do autor). (HANKO, 2008)

Deste modo fica evidente que a doutrina do batismo infantil não tem origem no Novo Testamento, mas “todo ensino do Novo Testamento tem sua origem no Antigo Testamento.” (JOHN P. SARTELLE, 2000, p. 9). Essa verdade é fortalecida quando se calcula o número de citações do AT no NT, Roger Nicole (NICOLE, 2012) fazendo o ensaio da obra *Revelation and the Bible*⁵ apresenta esses números:

uma contagem muito conservadora revela inquestionavelmente pelo menos 295 referências separadas ao Antigo Testamento. Estes ocupam cerca de 352 versículos

¹ Relativo ao Antigo Testamento.

² Relativa ao Novo Testamento.

³ Por causa do Advento de Cristo.

⁴ batismo que é baseado na confissão de fé de um convertido. (Jonathan Warren P. (Pagán), “Batismo”, in Sumário de Teologia Lexham, ed. Brannon Ellis, Mark Ward, e Jessica Parks (Bellingham, WA: Lexham Press, 2018)).

⁵ ed. Carlos. FH Henry (Grand Rapids: Baker, 1958), pp. 137-151.

do Novo Testamento, ou mais de 4,4 por cento. Portanto, um versículo em 22. Se alusões claras forem levadas em consideração, os números são muito maiores: CH Toy lista 613 desses casos, Wilhelm Dittmar chega a 1640, enquanto Eugen Huehn indica 4105 passagens que lembram as Escrituras do Antigo Testamento. Portanto, pode-se afirmar, sem exagero, que mais de 10 por cento do texto do Novo Testamento é composto de citações ou alusões diretas ao Antigo Testamento.

Mas não só isso, segundo Lasor, Hubbard e Bush (2002, p. 637), o Antigo Testamento era a Bíblia usada por Cristo e pelos apóstolos. De modo quase uniforme (2Pe 3.16 é exceção), as palavras “Escritura” e “Escrituras” no Novo Testamento referem-se ao Antigo Testamento (e.g., Jo 5.39; 10.35; At 8.32; Gl 3.8; 2Tm 3.16).

Hoekema (2012, p. 228), quando escreve sobre a igreja do Antigo e do Novo Testamento afirmou categoricamente sua ligação, sendo uma apenas, o tempo todo:

Uma vez que a Septuaginta era a Bíblia dos apóstolos, o uso que estes faziam do termo grego *ekklēsia*, o equivalente da Septuaginta para *qāhāl*, referindo-se à igreja do Novo Testamento, indica claramente uma continuidade entre aquela igreja e o Israel do Antigo Testamento. Quando, mais tarde, os escritores do Novo Testamento aplicam o termo templo de Deus para designar igreja, eles deixam implícita, de modo similar, uma continuidade entre o povo de Deus do Antigo e o do Novo Testamentos.

Diante disso se vê o destaque do AT no NT nas palavras de Jesus e nas cartas pastorais (LASOR, HUBBARD e BUSH, 2002, p. 637-641), todos estes exemplos demonstram a sua importância, mas não só isso, a sua forte ligação e influência na igreja de Atos.

Entendida a importância veterotestamentária, a tese continuará agora, expondo o estabelecimento propriamente dito, a qual dá toda a base para a prática no Novo Testamento (que será tratada posteriormente) e o desenvolvimento da doutrina aliancista que será abordada no cap. 2.

1.1.1 A aliança

A aliança que será mencionada agora é a que Deus fez com Abraão, este autor sabe das alianças feitas em Adão e Noé, e não só estas, mas as feitas em Moisés e Davi, (CLARK, 2013) no entanto, serão apresentadas no próximo capítulo. Todavia, a aliança com Abraão se distingue por sua ligação ao Sacramento batismal em filhos defendido neste trabalho.

Assim, Deus chama Abraão (אַבְרָהָם, *avraham*, אַבְרָם, *avram*), de Ur⁶ no cap. 12 de Gênesis, e faz uma aliança a Abraão na forma de uma promessa em quatro partes que

⁶ Uma antiga cidade da Mesopotâmia, o lugar de nascimento de Abraão.

permanecerá no centro da teologia bíblica: 1. Deus dará muitos descendentes a Abraão. 2. Eles possuirão a Terra Prometida. 3. Deus será o Deus deles. 4. Por meio deles, todas as nações do mundo serão abençoadas (GOLDSWORTHY, 2018, p. 126).

Por fim, no cap. 15 depois de repetir a promessa (vv. 1-12), Deus estabelece a aliança com Abraão cerimonialmente (Gn 15.17–18):

Quando o sol se pôs e veio a escuridão, Abrão viu um fogareiro fumegante e uma tocha ardente passarem por entre as metades das carcaças. Então o SENHOR fez uma aliança com Abrão naquele dia e disse: “Dei esta terra a seus descendentes, desde a fronteira com o Egito até o grande rio Eufrates (NVT)⁷.

בְּרִית (berît): *tratado, acordo, aliança, pacto*⁸, no AT, partes de um animal eram divididas, um sacrifício era oferecido, uma refeição era comida, o sangue era aspergido, o povo passava sob um cajado de pastor (cf. Gn 15.10, 17, 18; 26.28–30; Êx 24.8; Ez 20.37). A maioria dessas cerimônias representava um procedimento de fazer um juramento. (ROBERTSON, 2010, p. 12).

Todavia, a cerimônia que Deus fez com Abraão foi um tanto misteriosa, Deus colocou-se sob juramento passando – em forma de tocha de fogo e fogareiro aceso, símbolos ameaçadores da presença divina – entre as metades dos animais que Abraão havia matado. (LASOR, HUBBARD e BUSH, 2002, p. 50)

Isso se deu por Abraão querer saber como teria certeza de que possuiria a terra prometida (Gn 15.8), recebe a resposta em forma de aliança. Robertson (2010, p. 34) deixa isso claro quando registrou que:

O Senhor ofereceu a certeza mais profunda possível ao fazer uso do procedimento então comum de se fazer aliança. O fato de os animais terem sido cortados e Deus passado entre as partes comprometia o próprio Senhor mediante o mais solene juramento. “Que eu seja cortado em pedaços como estes animais mutilados se eu falhar em cumprir minhas promessas”, proclamava o antigo procedimento. A arqueologia fornece paralelos elucidativos desse ritual. Segundo um texto do antigo reino da Babilônia, os homens lançavam maldições sobre si mesmos quando realizavam um ritual de cortar animais.

Com isso, fica-se diante de uma aliança feita por Deus a Abraão, e é relevante observar como Deus fez essa aliança com Abraão, pois não a faz no primeiro encontro (Gn 12),

⁷ Nova Versão Transformadora

⁸ O nominativo berît é, até o presente, claramente atestado apenas no hebraico. Além disso, não pode ser associado com segurança a nenhuma raiz verbal heb. Conhecida. (MCCONVILLE, 2011, p. 723)

isso se dá pelo fato de “que Deus revela sua aliança com Abraão e seus descendentes em estágios progressivos.” (FREDERICKS, 2010, p. 300).

No entanto, falta algo, Deus, ao longo de toda a História, concedeu certos sinais juntamente com suas alianças. (ROBERTSON, 2010, p. 12). É o que será exposto a seguir.

1.1.2 O sinal

Deus disse a Abraão:

Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado. Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou a minha aliança. Gn 17.9–14.

Aqui, o Senhor expande sua aliança com Abraão de várias formas. A aliança divina com Abraão, como registrada em Gênesis 15, fez parte da promessa de fazer de Abraão uma nação (12.2); especificamente, de dar a seus descendentes a terra de Canaã. O suplemento de Gênesis 17 intensifica a trama da terra (17.8) e dos descendentes (17.7,16,19,20) (WALTKE e FREDERICKS, 2010, p. 321).

O sinal⁹ que Deus usou para confirmar foi a circuncisão¹⁰, para tal uma operação era realizada pelo pai, Gn 21.4, pela mãe no caso sumamente particular de Êx 4.25, e, mais tarde, por um médico ou um especialista. O lugar era indiferente. Em todo caso a circuncisão não foi nunca realizada no santuário nem por sacerdotes. O ferimento sarava apenas depois de vários dias de repouso, Gn 34.25; Js 5.8; esses dois textos referem-se à circuncisão de adultos (VAUX, 2003, p. 70).

No entanto, a circuncisão não é uma prática reservada do povo de Deus, outros povos já a praticavam,

Os egípcios circuncidavam homens quando adolescentes. Em períodos posteriores, sacerdotes e provavelmente os que serviam nos templos eram obrigados a ser circuncidados, pois a circuncisão estava associada à pureza (Pinch, “Private Life in

⁹ Qualquer ação não-verbal ou gesto que codifica uma mensagem

¹⁰ (מילה, *mulah*; περιτομή, *peritomē*). O ato ritual de incisão ou remoção do prepúcio de uma criança do sexo masculino oito dias após o nascimento (Gn 17:12; Lv 12:3; Lc 2:21).

Ancient Egypt,” 378; Te Velde, “Theology, Priests,” 1733). O método da circuncisão parece ter envolvido uma incisão no prepúcio, em vez de uma remoção completa (Sasson, “Circumcision in the Ancient Near East,” 474). Existem evidências de circuncisão masculina no norte da Síria já no início do terceiro milênio A.C. (Sasson, “Circumcision in the Ancient Near East,” 476). Pode haver evidência textual da circuncisão de noivos em Ugarite no segundo milênio A.C. (Wyatt, “Circumcision and Circumstance,” 421–22). A circuncisão pode ter sido uma prática geral nessa região, com exceção dos filisteus (WHITCOMB e KIROS, 2020).

De toda forma, a prática cultural comum foi investida de um novo significado religioso. Também passou a ser realizada no oitavo dia depois do nascimento (v. 12; cf. 21.4; Lv 12.3). Funcionava como marca indispensável de Deus em seu povo, sendo que a ausência dessa marca acarretava excomunhão (Gn 15.14). O papel da circuncisão como critério para a participação efetiva na comunidade religiosa é ressaltado em Êxodo 12.44, 48, em que a circuncisão é requisito para que se tome parte na celebração da Páscoa (ALLEN, 2011, p. 1129).

Mas não acaba aí, Palmer observa que este sinal também era um selo, não só para confirmar a afiliação na aliança, mas para confirmar a posse final das promessas espirituais. Isto é, não era só uma garantia nacional, mas também espiritual, a qual são evidentes na Nova Aliança. Quanto a isto ele escreve que “a cerimônia sempre sela uma pessoa na membresia da comunidade organizada da aliança, a igreja. Porém, para o eleito de Deus, ele também os sela na posse final das realidades associadas à consagração a Deus, incluindo a purificação e o perdão de pecados.” (2010, p. 43)

Um selo que não era apenas para os nascidos do meio do povo (Gn 17.12); mas também para qualquer outro povo que quisesse fazer parte do povo de Deus (Gn 17.13).

Entendido o sinal e selo estabelecido por Deus para confirmar sua aliança com Abraão, é necessário entender o significado da circuncisão (do sinal) no AT, uma vez que outros povos a praticavam e carregavam significados como citado por Whitcomb e Kiros . Entender este significado detalhadamente ajudará na compreensão do pedobatismo defendida neste trabalho.

1.1.3 Significado

Como já mencionado, a circuncisão não fora uma prática exclusiva dos israelitas, outros povos já a praticavam, até antes, no entanto, com significados diferentes. Assim como na instituição do templo e do sacerdócio, do sacrifício e do altar, de leis e ordenanças em Israel, em que Deus utilizou práticas que existiam entre outros povos, ele fez no caso da circuncisão (BAVINCK, 2012, p. 505).

Ainda, Bavinck escreve sobre a distinção da prática israelita para com as demais nações, e já observa como o povo de Deus a entendeu, a saber, como um sacramento¹¹:

Ele a assimilou, por assim dizer, mas lhe deu outro significado, isto é, um significado sacramental. Enquanto, entre outras nações, a circuncisão física, de fato, ocorria, ela não tinha um caráter sacramental. [...] Portanto, embora a circuncisão também possa ter sido uma medida sanitária, esse não é seu propósito em Israel. Aqui ela serve como um sinal e confirmação da aliança da graça, cuja grande e abrangente promessa é: “Serei o teu Deus e da tua descendência” (Gn 17.7) (BAVINCK, 2012, p. 505).

Para o judeu, a circuncisão se tornou religiosa, e se aplicava para todos, tanto adultos quanto crianças, nisso vemos o seu *primeiro* significado, a inclusão na família da aliança:

O que a circuncisão significava para as crianças da antiga aliança? Para elas, ela significava o mesmo que para os adultos. Quer crianças quer adultos, a circuncisão os selava na membresia do povo de Deus externamente constituído. Ao mesmo tempo, se a pessoa que recebia a circuncisão era eleita de Deus, ela também o selava na posse, mais cedo ou mais tarde, das promessas espirituais da aliança (ROBERTSON, 2010, p. 47).

Segundo, significa uma purificação simbólica do pecado:

O corte do prepúcio mediante a circuncisão era um ato simbólico de purificação. Ele representava a eliminação da natureza pecaminosa. Quer fosse um crente regenerado ou não naquela ocasião, o ato da circuncisão ainda selava o escolhido do Senhor na posse final da purificação espiritual (ROBERTSON, 2010, p. 47).

“Isso não significa que ela conceda esses benefícios mecanicamente, pois a circuncisão externa, sem a circuncisão do coração, não tem valor” (BAVINCK, 2012, p. 506). Por isso ficou necessário a circuncisão de coração (Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4), o povo acreditava ser suficiente o ato externo, sem o seu significado interno, ou seja, uma fé genuína em Yhwh.

Definido seu significado no Antigo Testamento, o sinal estabelecido para confirmar a aliança que Deus fez com Abraão, o trabalho continuará desenvolvendo como a origem do sacramento estabelecido no Antigo Testamento se aplicou ao Novo Testamento com o Advento do Messias.

¹¹ Termo que deriva do latim *sacramentum*, que se refere a um voto de lealdade e que foi empregado na igreja de fala latina para traduzir o grego *mysterion*, que o mundo de fala grega utilizava para se referir, normalmente à Eucaristia*, ao batismo* e outros ritos. Justo González, ed. Juan Carlos Martínez, trans. Silvana Perrella Brito, Breve Dicionário de Teologia (São Paulo, SP: Hagnos, 2009), 295–296.

1.2 Novo Testamento

Passando agora para a segunda divisão da Bíblia, o Novo Testamento¹², poderá ser observado e comprovado a relação AT e NT como um só. Entender essa relação ajudará na aceitação natural do sacramento batismal e sua aplicação para adultos e pequeninos também. Pois somos informados que o Novo Testamento esteve oculto no Antigo, e que o Antigo foi desvendado no Novo (TURRETINI, 2010, p. 289).

1.2.1 A continuação da aliança

Nesse interim, a aliança que Deus fez com Abraão no cap. 15 e seu sinal (circuncisão) no cap 17 de Gênesis continuam no NT, e que de maneira nenhuma procura abolir ou ocultar sua validade:

Afirmar que a aliança de Deus com Abraão não continua na era do Novo Testamento porque nem todos os seus elementos são válidos para hoje é tão absurdo quanto dizer que os Dez Mandamentos perderam a sua aplicabilidade já que para a maioria dos crentes de hoje não tem nenhum sentido a proibição de cobiçar o jumento ou o boi do próximo (HENDRIKSEN, 1932, p. 8).

Há algumas evidências que defendem esta continuação, a começar pelo primeiro sermão de Pedro em Atos 2, que ao reagirem arrependidos querem saber o que devem fazer: “Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?” Atos 2.37 (ARA)

A resposta de Pedro é clara e inequívoca quanto a sua relação com a aliança feita com Abraão:

Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. **Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar.** ATOS 2.38-39 (grifo do autor)

¹² Diz a vida e o ministério de Jesus e o crescimento da igreja primitiva. A palavra "testamento" é melhor traduzida como "aliança". O Novo Testamento incorpora a nova aliança das quais Jesus era mediador (Jr. 31: 31-34; Hb 9:15). Ronald F. Youngblood, F. F. Bruce, E R. K. Harrison, Thomas Nelson Editores, Orgs., Nelson's Novo Dicionário Bíblico Ilustrado (Nashville, TN: Thomas Nelson, Inc., 1995).

O versículo 39 chama atenção por causa da sua semelhança com a promessa em Gn 17.7, no entanto, o v. 38 não pode ser esquecido, pois fala de arrependimento¹³; batismo no nome de Jesus (que será tratado em seguida); remissão dos pecados e o dom¹⁴ do Espírito Santo. O qual, são direções para adultos (v.37).

Mas voltando ao v. 39, Kistemaker concorda com a expressão para *vocês e seus filhos* sendo um eco da promessa de Deus a Abraão de ser um Deus para ele e seus descendentes pelas gerações vindouras (Gn 17.7). De igual modo, a promessa do Espírito Santo vai bem além dos judeus e seus filhos que se achavam presentes em Jerusalém no Pentecoste (2016, p. 144).

Não obstante, uma outra passagem apoia mais ainda a relação da aliança com Abraão e o crente do NT, a saber, Gl 3.28-29:

28 Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. 29 **E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.** (grifo do autor)

Combatendo o falso cristianismo judaizado em sua carta aos Gálatas (PINTO, 2014, p. 328), Paulo reflete a promessa no AT no NT novamente (e.g. Cl 3.11). Quanto a sua interpretação, Calvino (2010, p. 123) explica que:

Eles não reconheciam nenhuma distinção maior do que o pertencer à raça de Abraão. E o apóstolo faz que esta mesma distinção seja comum a todos os que crêem em Cristo. A conclusão se baseia neste argumento: Cristo é o descendente bendito, no qual, como já dissemos, todos os filhos de Abraão se acham unidos. Paulo prova isso com a oferta universal da herança a todos eles. Disso concluímos que a promessa inclui os gentios entre os filhos de Deus.

Diante do que foi comentado acima, a promessa repetida no NT é a mesma feita no AT, até mesmo para os gentios, uma vez que a circuncisão era a condição para os gentios arrolar-se ao povo de Deus, assim sendo, o NT continua expandindo esta mesma aliança, Hendriksen (1932, p. 9) deixa isso mais claro quando diz que:

¹³ O imperativo *arrependam-se* sugere que os judeus se voltem do mal que cometeram, tenham intensa aversão pelos pecados que cometeram, experimentem uma virada completa na vida e sigam os ensinamentos de Jesus. Simon Kistemaker, Atos, 2ª edição., vol. 1, Comentário do Novo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2016), p. 141.

¹⁴ A expressão dom aparece na passagem acerca do derramamento do Espírito sobre os samaritanos; Simão, o mágico, tentou comprar por dinheiro esse dom (8.20). O termo ocorre também na narrativa da visita de Pedro a Cornélio que, juntamente com os de sua casa, recebeu o dom do Espírito Santo (10.45; veja ainda 11.17). A partir dessas passagens, ficamos sabendo que esse dom se refere ao poder do Espírito Santo que habita nas pessoas. Simon Kistemaker, Atos, 2ª edição., vol. 1, Comentário do Novo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2016), p. 143.

A tremenda promessa “serei o teu Deus”, repetida várias vezes no Antigo Testamento, continua sendo ecoada no Novo. As duas “dispensações”, a antiga e a nova, estão tão intimamente relacionadas que às vezes até a linguagem do Antigo Testamento é repetida no Novo. Veja-se a passagem de Êxodo 29:45, 46 (e Lev. 26:12) e compare-as com 2 Coríntios 6:16-18. A promessa da aliança, serei o teu Deus, vale para todos os crentes.

Assim, tudo isso prova a continuidade da aliança feito por Deus com Abraão, não apenas com e para ele, mas também para todos que fariam parte dessa grande família por meio da fé em Cristo Jesus.

1.2.2 Um novo sinal

Uma vez estabelecida a nova administração da aliança de Deus em Cristo¹⁵, o batismo ganha lugar, substituindo a circuncisão, pois a circuncisão não era o sinal da nova aliança (SPROUL, 2017, p. 407).

Este foi uma das dificuldades que Paulo teve que lidar com os judaizantes, explicar o fim da circuncisão física:

Muitos, inclusive os fariseus, chegaram a pensar na circuncisão como o meio de salvação. Paulo argumenta contra essa opinião na epístola aos Romanos: “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus” (2.28–29) (SPROUL, 2017, p. 407).

Ainda, Paulo queria que os judaizantes entendessem que a circuncisão era um sinal não somente da promessa da aliança, mas também de sua maldição, conclui Sproul.

No entanto, é importante ressaltar que o batismo pela que é conhecido pelos cristãos já fora praticado entre os judeus, Vos informa que naquele tempo, e posteriormente, havia vários círculos nos quais os ritos batismais eram praticados, tal como nas purificações prescritas pela Lei como prosélitos, pois, “depois de ser circuncidado, ainda estava, em razão de seu contato prévio com gentios, impuro e, portanto, necessitado de lavagem.” (2010, p. 383)

¹⁵ Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, **o sangue da [nova] aliança**, derramado em favor de muitos. Mc 14.24 (grifo do autor)

Contudo, o batismo cristão pelo qual é conhecido entre os protestantes carrega um novo significado, diferente do que foi apresentada por Vos, e que na nova aliança em Cristo é apresentado, a saber, o batismo.

Portanto, Cristo institui o batismo¹⁶ como novo sinal, Sproul (2017, p. 408) deixa claro quando afirma que:

o sinal da nova aliança [...] é o batismo de Jesus. Jesus pegou o rito de purificação e o identificou não com Israel mas com sua nova aliança. Como resultado, o batismo substituiu a circuncisão como o sinal exterior de inclusão na comunidade da nova aliança. Aqueles que são batizados não são necessariamente salvos, mas têm a promessa de Deus de que todos os benefícios de Cristo são deles, se e quando crerem.

Bavinck concorda com Sproul, e acrescenta um texto muito importante que aponta para a relação da circuncisão com o Batismo na Nova Aliança:

No Antigo Testamento, a circuncisão era ministrada aos meninos no oitavo dia depois de seu nascimento. De acordo com Colossenses 2.11–12, essa circuncisão foi substituída pelo batismo. Os colossenses, afinal, embora fossem cristãos gentios, eram tão circuncidados quanto os judeus. No entanto, eles foram circuncidados não por uma circuncisão carnal realizada por mãos humanas, mas por uma circuncisão que consiste em despir-se do corpo da carne, de toda a natureza carnal pecaminosa. (Dogmática Reformada, vol. 4, 2012, p. 533)

Comentando sobre Colossenses 2.11-12, Hendriksen (2007, p. 379-380) confirma que:

Evidentemente, em todo esse parágrafo Paulo magnifica o batismo tanto que, por meio de clara implicação, desaprova a continuidade do rito da circuncisão, se considerado como tendo relação com a salvação. Portanto, a clara implicação, é que o batismo tomou o lugar da circuncisão. Assim, o que é dito em referência à circuncisão em Romanos 4.11 como sendo um sinal e selo, é válido também para o batismo.

Dessa forma, fica evidente que a circuncisão recebeu uma nova administração por causa do advento Cristo. Mas não acaba aí, este capítulo terminará analisando a extensão da nova administração.

¹⁶ O batismo, como lavagem em água com significado espiritual, tem suas raízes no judaísmo do AT e pré-cristão. A lei prescrevia o banho de pessoas consideradas “imundas” (ver, e.g., Lv 14.8,9 e Lv 15). Arão e seus filhos foram lavados cerimonialmente em sua ordenação ao sacerdócio (Lv 8.5,6). No Dia da Expição, Arão tinha de se banhar antes de entrar no Lugar Santo e novamente ao deixá-lo (Lv 16.3,4); igualmente, quem soltasse o bode expiatório no deserto teria de se banhar, assim como aquele que queimasse suas roupas (Lv 16.26–28). Esses rituais de lavagem levaram a uma aplicação simbólica de purificação espiritual na oração (e.g., Sl 1.1,2,7–10). G. R. Beasley-Murray e R. F. G. Burnish, “Batismo”, Novo Dicionário de Teologia (São Paulo: Hagnos, 2011), p. 120.

1.2.3 Sua extensão

O que se pretende com *extensão*, é: afirmar que o batismo não é só administrado em homens (sexo masculino), mas também, em seus filhos e em mulheres. Sendo assim, a pesquisa apontará as defesas desta afirmação apenas sobre os filhos.

À vista disso, Philippe Landes ao falar sobre os filhos diz que em nenhuma parte do novo Testamento encontramos qualquer passagem que exclua as crianças da Igreja de Deus. Ele observa que sendo o batismo na Nova Dispensação, o sinal da inclusão na igreja, segue-se que os filhos dos crentes, hoje, não têm menos direito ao batismo do que tinham os filhos dos israelitas à circuncisão (1938, p. 20).

Um dos textos que ele usa para afirmar a sua declaração é Atos 2.38, “Pedro no dia de Pentecostes, confirma o direito das crianças” [...] “(Pedro) **Não exigiu o arrependimento ou fé por parte das crianças**, incapazes do exercício desses atos; não obstante, as inclui na lista dos beneficiados pelas bênçãos conferidas por meio das promessas de Deus ao seu povo.” (1938, p. 20) (grifo do autor)

Mas não é só Atos 2.38 que fala sobre o batismo de filhos, são encontrados outros textos que são inferidos a presença dos filhos também. A seguir, um quadro mostra os textos mais usados:

At 10.48	At 11.14	At 16.15	At 16.33	At 18.8	I Co 1.16	I Co 7.14
Cornélio e família	Pedro fala sobre os gentios	Família de Lídia	Carcereiro e família	Crispo e família	Casa de Estéfanos	Família cristã
<i>E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então, lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias.</i>	<i>O qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa.</i>	<i>Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou, dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai. E nos constrangeu a isso.</i>	<i>A seguir, foi ele batizado, e todos os seus.</i>	<i>Mas Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa;</i>	<i>Batizei também a casa de Estéfanos</i>	<i>Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Outra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.</i>

Sartelle (Monergismo, 2022) deixa a seguinte dúvida no ar:

Alguns têm dito que não se pode provar que havia crianças nessas famílias. No entanto, supor que não havia crianças nestes lares, nem nas outras famílias que foram batizadas em toda a área do Mediterrâneo, é uma presunção que beira ao preconceito. Podemos dizer que estes batismos mencionados foram os únicos que incluíam toda a família, e que em cada um destes casos os convertidos não tinham crianças e que seus servos tampouco as tinham?

É evidente que a resposta é não, pois “Conforme o evangelho do Novo Testamento começava a expandir-se pelo mundo, com Paulo e Pedro à frente, sua mensagem não era menos plena de graça nem menos abrangente que a mensagem de salvação dada a Abraão em Gênesis 17” (SARTELLE, 2022).

Assim, o primeiro capítulo termina deixando claro que a promessa feita com Abraão e sua família tendo por sinal a circuncisão foi mantida no Novo Testamento por meio de outro sinal, o batismo. Não excluindo as crianças, pelo contrário, gentios e os seus filhos também.

2 COMPREENSÃO REFORMADA

2.1 Doutrina aliancista

Antes de qualquer desenvolvimento, é importante ressaltar o que significa o termo *reformada* no presente trabalho, uma vez que este capítulo tratará sobre eles. À vista disto, reformada diz respeito ao conhecimento dos expoentes que marcaram a Reforma Protestantes iniciada por Martinho Lutero no séc. XVI ao ponto que esses nomes são lembrados até o dia de hoje.

O motivo não seria outro senão a própria Sagrada Escritura, por causa disso não demorou para perceberem a importância da Aliança de Deus com o homem, Andrew (2015, p. 170) escrevendo sobre os reformadores disse que “com o interesse renovado pela exposição das Escrituras, teria sido difícil realmente não perceber o lugar dado à aliança como um de seus grandes temas unificadores”.

Esta doutrina, também conhecida como o *Pactum Salutis*¹⁷, é sem sombra de dúvidas muito importante para a fé reformada:

Para a dogmática, tanto quanto para a vida cristã, a doutrina da aliança é da maior importância. A igreja e a teologia reformada entenderam esse fato mais claramente que as igrejas católicas romana e luterana. Baseando-se na Escritura, interpretou consistentemente a verdadeira religião do Antigo e do Novo Testamentos como uma aliança entre Deus e os seres humanos (BAVINCK, 2012, p. 219).

Por este fato, o Batismo infantil é facilmente aceito pelos reformadores e igrejas oriundas, pois desde o início, os teólogos reformados defenderam a validade e a necessidade do batismo infantil (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 1026). Assim, este trabalho tem demonstrado que o Batismo Infantil defendido pelos reformados presbiterianos tem sua origem no Antigo Testamento e a sua continuação no Novo Testamento, com uma nova administração.

¹⁷ pacto trinitariano da salvação - Herman Bavinck, O Pecado e a Salvação em Cristo, vol. 3, Dogmática Reformada (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012), p. 219.

Essa nova administração foi aquela instituída por Cristo em Marcos 14.24: “Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, **o sangue da nova aliança**, derramado em favor de muitos. (grifo do autor), que será desenvolvida neste capítulo também.

Assim, ao se tratar sobre nova administração é o mesmo que abordar sobre a doutrina aliancista¹⁸, que biblicamente apresenta o meio que Deus escolheu para se relacionar com o homem. Mullins (2005, p. 302) deixa mais claro ainda quando diz que:

No Antigo Testamento, o pacto entre Deus e Israel era a base de todos os procedimentos de Deus para com o povo. O significado do pacto era que Deus pertencia a Israel e Israel pertencia a Deus. Às vezes a relação era descrita como a de pai e filho, e às vezes como a de marido e mulher.

Sendo assim, serão expostos resumidamente as alianças do Deus trinitário e com seu povo, e onde a doutrina do pedobatismo se encontra nessas alianças. Não se valendo dos debates que há – uma vez que não é a finalidade desta pesquisa – Como por exemplos os pais da igreja, “a teologia patrística e medieval frequentemente oferece listas de alianças, por exemplo, com Adão, com Noé, com Abraão e o pacto da graça ou do evangelho, entre outros.” (GONZÁLEZ, 2009, p. 21).

Mas fica um pouco mais confuso entre os próprios reformadores, pois:

tradicionalmente tem destacado a importância da aliança como ação da graça divina. Tal aliança não é um acordo entre partes iguais, mas uma ação mediante a qual o Deus soberano se une livremente às promessas que faz com toda liberdade. A partir dessa perspectiva, os teólogos reformados têm insistido que toda aliança é uma ação da graça de Deus — ainda que se possa distinguir entre a aliança com Adão, que poderia ser descrita como um “pacto de obras”, e a “aliança da graça”, que começa com Abraão. A discussão do tema da aliança dentro da tradição reformada levou, no século XVII, ao que se tem chamado de “teologia da aliança”, ou também “Teologia Federal”. (GONZÁLEZ, 2009, p. 21).

Apesar da falta de unanimidade, este trabalho seguirá com as tradicionalmente aceitas, a saber:

Aliança das obras – Essa aliança tem como objetivo demonstrar a relação de Deus com o homem no Éden, (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 328) não tendo precisão de quem cunhou o termo¹⁹, esta aliança tem gerado desconforto por aparentemente não haver uma palavra se quer ou uma menção do termo aliança.

¹⁸Um sistema teológico em que o conceito de pacto serve como estrutura básica. Uma breve introdução ao estudo do pacto, Mauro Meister, p. 2

¹⁹“O teólogo puritano inglês Dudley Fenner (1558-1587) talvez tenha sido o primeiro a empregar o termo ‘aliança das obras’, pelo menos e sua forma latina *foedus operum*”, p. 328, Teologia Puritana, 2016.

No entanto, John Ball (1585-1640) disse que “nas Escrituras temos o que equivale a isso [...] um pacto ou acordo mútuo entre Deus e o homem, em que Deus promete [...] felicidade eterna ao homem, com base em condições justas, imparciais e favoráveis” (2016, p. 329).

Portanto, esta aliança estabelece o primeiro envolvimento com o homem, no entanto, uma vez quebrado, o homem receberia as consequências. Mas apesar do que fez, Deus age graciosamente, com isso, fica-se diante de outra aliança, a aliança da graça.

Mas antes que haja a dúvida da presença da graça anteriormente, Beeke responde que a “aliança das obras era marcada pela graça; a aliança da graça é duplamente marcada pela graça. Na maior parte do tempo a graça estava, então, em operação em ambas as alianças, mas as condições de sua operação eram diferentes em cada uma” (2016, p. 346).

Aliança da graça – “quais quer que tenham sido as graças que Adão recebeu de Deus, ele não recebeu a graça da perseverança na aliança das obras” (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 349). O homem não foi fiel ao seu primeiro compromisso com Deus como evidenciando acima (aliança das obras), no entanto, apesar do homem, os compromissos de Deus continuam.

E:

Iniciando com os reformadores suíços de Zurique e Genebra, os teólogos reformadores vêm empregando desde o século 16 o conceito de aliança da graça (*foedus gratiae*) para demonstrar a unidade da história da redenção iniciada com a primeira promessa (*protoevangelium*) feita a Adão, registrada em Gênesis 3.15 e culminada com a obra de Jesus Cristo como mediador da aliança. (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 386)

Mas apesar da aliança da graça ser uma em essência, os reformadores viram a necessidade de dividi-la em algumas administrações²⁰, “John von Rohr assinala acertadamente que para os puritanos a revelação progrediu ‘da obscuridade para a clareza [mas essa] progressão se deu na administração da mesma aliança’” (2016, p. 386).

Em outras palavras, da mesma aliança foram feitas *outras alianças (administrações)*, que serão destacadas resumidamente a seguir:

Adão: Apesar de já ter sido mencionado a participação de Adão, é importante deixar claro que a aliança da graça se inicia a partir dele, uma vez que quebrou a aliança das obras, “essa aliança de graça já começa imediatamente depois da queda. Quando a expressão “no dia”,

²⁰ “O nome que frequentemente se dá a cada um dos pactos que Deus estabelece com a humanidade nas Escrituras.” Justo González, ed. Juan Carlos Martinez, trans. Silvana Perrella Brito, Breve Dicionário de Teologia (São Paulo, SP: Hagmos, 2009), 94.

em Gênesis 2.17, é entendida literalmente, a ameaça de punição, obviamente, não é cumprida plenamente, pois Adão e Eva não morreram no dia em que pecaram, mas viveram por muitos anos depois disso.” (BAVINCK, 2012, p. 203)

O fato de não terem sido castigados com sua própria vida imediatamente está pela promessa em Gn 3.15, que sem merecer Deus concedeu um meio para a solução do problema do pecado, a qual os reformadores defendiam:

À semelhança de Owen, Thomas Goodwin se refere a Gênesis 3.15 como a primeira promessa acerca do Messias. De modo parecido, Francis Roberts acrescenta que Gênesis 3.15 é ‘o primeiro e mais antigo evangelho registrado na Bíblia’. Ball afirma que Gênesis 3.15 apresenta tanto ‘o juízo irrevogável e a derrota a destruição finais de Satanás [.. quanto] a salvação do homem. (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 391)

Com isso, esta aliança expressa o livramento da aniquilação da humanidade por meio de Cristo, assim, a promessa de Gênesis 3.15 foi suficiente para os fiéis durante aquela administração específica da aliança. Revelação adicional viria na aliança feita com Noé.

Noé: Após o dilúvio, Deus fez uma aliança com Noé usando por sinal o arco-íris, mas esta aliança se faz real pelo fato de apontar para Cristo. Francis Robson observa que Noé é uma *típica*²¹, oferecendo holocaustos a Deus que foram aceitos (Gn 8.20,21), e *antitípica*, Cristo se oferece como holocausto a Deus-Pai como sacrifício pelos pecados da humanidade (Ef 5.2) (2016, p. 392).

“Assim, como o relacionamento de Deus com Noé lançou mais luz sobre seus propósitos redentores, a aliança noaica foi após a Queda o primeiro avanço no processo da revelação.” (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 393)

Ainda, é importante ressaltar uma observação nesta administração, apesar da aliança ser com Noé, toda a família é beneficiada, antes e depois do dilúvio, Beeke escreveu que “alguns teólogos reformadores defendem esse ponto de vista, propondo uma distinção entre a administração externa dos benefícios comuns da aliança da graça, ‘a qual não chega a ser salvação.’” (2016, p. 393)

²¹ (tipo) “significa literalmente “marca” ou “impressão”, e pode ser traduzida, segundo o contexto por figura, exemplo, modelo, etc. E a palavra antítipo (gr. ἀντίτυπος) que literalmente quer dizer “correspondendo ao tipo”, é, ou a realidade, ou uma sombra imperfeita. Em linguagem teológica é usada na primeira significação, mas em Hb 9:24 tem a última.” (ANGUS, 2004, p. 209)

O que ele quer dizer é que apesar da relação salvífica não ser real para os filhos de Noé, eles foram incluídos no plano salvífico de Deus. No entanto, essa inclusão será mais clara na próxima administração.

Abraão: Analisado de forma mais detalhada no primeiro capítulo, Abraão é o personagem que faz parte do avanço da revelação redentiva na aliança da graça, “baseando-se em promessas mais antigas, Deus deu a Abraão explicações mais claras e mais completas de seus propósitos salvíficos, em particular quando reitera sua promessa de uma semente, a saber, Cristo, que é o fundamento de toda a graça.” (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 393)

E como introduzido em Noé, os filhos em Abraão são incluídos de maneira formal, pois em Abraão esta inclusão fica mais clara, a ordem de marcar os filhos é feita pelo próprio Deus. E “embora a aliança abraâmica seja uma aliança espiritual, Ball e os reformados ortodoxos não veem nenhuma contradição na admissão de crianças à aliança por causa da distinção entre eficácia interna e administração externa”. (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 395).

O fato de não haver implicações diretas aos pequeninos espiritualmente, não é motivo para não exercer o ato da circuncisão, da mesma forma o batismo nos filhos na Nova Dispensação.

Moisés: John Ball (2016, p. 399) explica que a aliança conhecida como sinaítica, feita com Moisés no monte Sinai, têm várias relações com Abraão, em cada uma das administrações da aliança tanto a promessa quanto as condições são as mesmas.

Ele esclarece que em ambas houve promessas, tanto para esta vida quanto na por vir, ambos têm uma ordem, andarem em obediência, assim, conclui que:

Embora Deus tenha exigido obediência da parte de Abraão, exigiu apenas a obediência que provém de fé (Rm 14.23) [...] e] para que tenham algum valor para os israelitas, até as cerimônias da Lei, as quais prefiguravam Cristo, exigem fé nele. Deus manteve entre os israelitas o rito da circuncisão a fim de que buscassem a justificação pela fé, não pelas obras da lei.

Davi: Não são todos os teólogos reformados que inclui Davi como fazendo parte de mais uma administração da Aliança/Pacto de Deus com os homens, no entanto:

Teólogos reformados normalmente incluíam a aliança feita com Davi em suas obras sobre a história da redenção em virtude da abundância de revelações feitas a Davi. [...] Ball afirma que Cristo é a manifestado a Davi de uma forma mais clara do que qualquer administração de aliança. (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 402)

O texto que expressa essa relação pactual de Davi com Deus é 2 Samuel 7.1-29, que segundo Carlos Osvaldo Pinto (2014, p. 299-300) pode ser entendido da seguinte forma:

O governo de Davi não será estabelecido pelo que ele pode fazer por Deus	(7.1–7).
O governo de Davi será estabelecido pelo que Deus fará por ele	(7.8–17).
Davi reconhece o estabelecimento divino de seu reino com ações de graças	(7.18–29).

Hanko (2007, p. 1) observa que essa é a última revelação da aliança da graça no Antigo Testamento. Ela acontece a partir de 2 Samuel 7.13, pois Deus promete estabelecer o reino de Davi e o seu trono para sempre (vv. 12-13), uma promessa que foi cumprida em Cristo, o Rei dos reis (Lc 1.32-33).

Cristo: Por fim, Cristo é a expressão última e máxima de todas as administrações da aliança da graça, Owen (2016, p. 407) observa que a progressão da revelação culminou em Jesus Cristo porque toda a mente e vontade de Deus foram reveladas nele.

Sebastian Rehnman diz que essa dispensação da graça de Deus é a coroa e glória da manifestação divina da graça na história (2016, p. 407). No entanto, o terno aliança da graça não é bíblico, mas nova aliança sim, Bekee explica isso:

Mas a aliança da graça não é um termo bíblico, ao passo que a “nova aliança” é. A nova aliança foi confirmada e estabelecida apenas com a morte de Cristo e, assim, não possui “o caráter formal de uma aliança ou testamento, conforme nosso apóstolo demonstra (Hb9.15-23). A lei dada no Sinai poderia ser descrita como a antiga aliança apenas porque os sacrifícios de sangue a confirmavam. De modo que Owen observa que, embora a aliança da graça se refira tipicamente à salvação em Cristo, “contudo, com a expressão ‘a nova aliança’ queremos dizer seu concreto estabelecimento com a morte de Cristo.

Isso significa que aliança da graça em Cristo é a mesma que nova aliança, sendo assim sinônimos, mas também, sendo importante frisar, a nova aliança não abole o que foi administrado anteriormente (Adão, Noé, Abraão, Moisés e Davi), pelo contrário, só confirma.

Sobre isso Berkhof (2012, p. 277) afirmou que:

A dispensação do Novo Testamento difere da do Antigo Testamento em que é universal, isto é, estende-se a todas as nações. A aliança da graça era originariamente universal; seu particularismo começou com Abraão e foi continuado e intensificado na aliança Sináitica. Contudo, este particularismo não estava destinado a ser permanente, mas a desaparecer depois de servir ao seu propósito. Mesmo durante o período da lei era possível aos gentios unir-se ao povo de Israel e, assim, participar das bênçãos da aliança. E quando Cristo executou o seu sacrifício, a bênção de Abraão fluiu para as nações – os que estavam longe foram aproximados.

Essa característica da aliança em Cristo é importantíssima para o pedobatismo, pois não descarta a aliança feita com Abraão, pelo contrário, confirma e a estende formalmente a todas as nações.

Posto isto, estas são as administrações da aliança da graça. No entanto, falta uma aliança, a aliança que os reformadores chamaram de *aliança da Redenção* que será exposta em seguida.

Aliança da redenção – “A ideia de uma aliança eterna de redenção (*pactum Salutis*) entre o Pai e o Filho pode ser vista na obra de muitos teólogos reformados dos séculos 16 e 17.” (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 355)

Esta é a aliança que dá suporte para todas as outras, pois foi estabelecida antes da fundação do mundo. “Em sua obra²², Patrick Gillespie (1617-1675) destaca que a aliança da graça está ‘alicerçada e fundamentada [...] na aliança de Deus com Cristo’”. (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 357-358). A aliança da redenção se distingue basicamente da aliança da graça pelo fato da primeira ser feito com Cristo, a segunda foi feita com o homem (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 383).

A origem do conceito sem sombra de dúvidas é reformada, podendo ser observadas em Lutero; Oecolampadius (1482-1531) e em Calvino, no entanto, foi David Dickson quem introduziu o termo de forma clara em 1638 na Assembleia Geral da Igreja da Escócia (2016, p. 359).

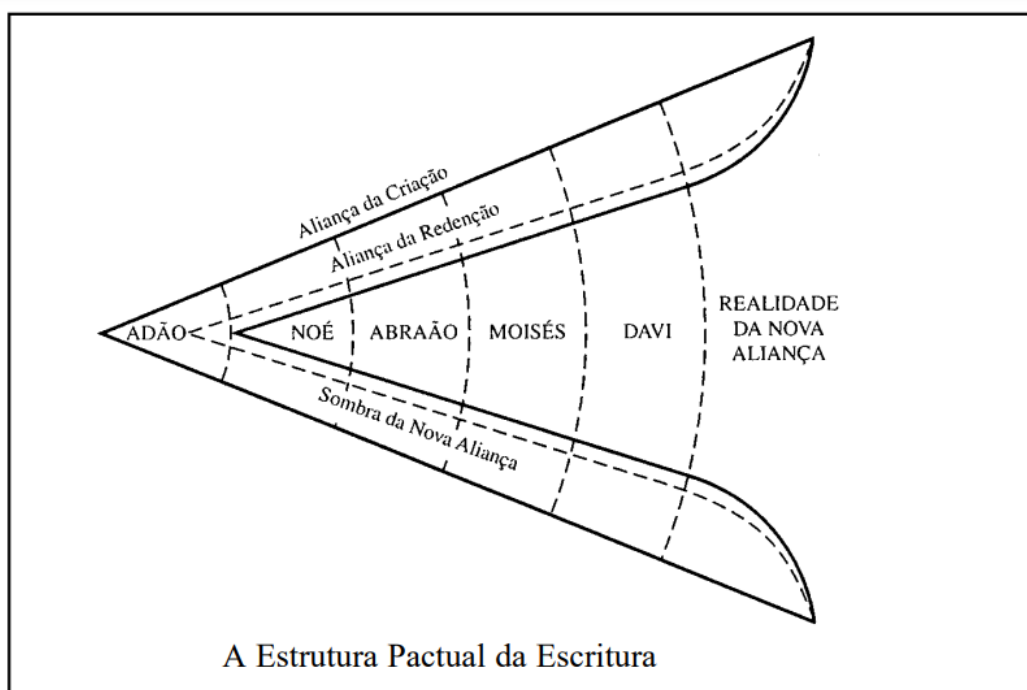
²² Gillespie, The Ark of the Covenant opened.

A Confissão de Fé de Westminster (Cap. 8.1) ajuda entender melhor as características desta aliança:

Aprouve a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as coisas e o Juiz do mundo; e deu-lhe, **desde toda a eternidade**, um povo para ser sua semente, e para, **no tempo devido**, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado. (2014, p. 43) (grifo do autor)

A aliança da redenção nada mais é do que a observações de textos bíblicos de que Deus já havia estabelecido toda a relação dEle com a humanidade na eternidade.

Assim, sendo posto a compreensão dos reformados sobre a(s) aliança(s), segue-se um gráfico²³ donde se encontram cada uma e a aliança com Abraão que é a ênfase neste trabalho por causa do pedobatismo:



²³ Robertson, Palmer. O Cristo dos Pactos. 1a edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 54

2.2 Nas confissões

Depois de demonstrar ligeiramente sobre a doutrina aliancista na perspectiva reformada, segue-se agora como eles reafirmaram a doutrina do pedobatismo em seus principais documentos, a saber, *Confissões*.²⁴

Em seu prefácio (2006, p. 7), Beeke falando sobre as Confissões de Fé, ele diz que as igrejas reformadas do século 16 e 17 produziram várias coleções de confissões reformadas ortodoxas, deixando claro a posição teológica em comparação aos Católicos Romanos.

Dessa forma, serão analisadas algumas das principais Confissões e seus Catecismos que registram a importância do Batismo Infantil.

2.2.1 Confissão Belga (1561)²⁵

Com 37 artigos, esta confissão é dividida em cinco seções doutrinárias, a que diz respeito a Deus (1-11); sobre o homem (12-15); Cristo (15-21); salvação (22-26); sobre a igreja (27-35); governo civil (36) e das últimas coisas, ou seja, escatologia (37).

Sobre o Batismo Infantil, a confissão é clara sobre seu parecer:

Rejeitamos, portanto, o erro dos anabatistas, que não se contentam com o batismo que uma vez receberam e que, além disto, condenam o batismo dos filhos pequenos dos crentes. Nós cremos, porém, que eles devem ser batizados e, com o sinal da aliança, devem ser selados, assim como as crianças em Israel eram circuncidadas com base nas mesmas promessas que foram feitas a nossos filhos Art 34 (BEEKE, 2006, p. 214).

Além de não concordar com o posicionamento dos anabatistas²⁶, ratificam o sinal da aliança administrado em Abraão.

²⁴ “**Em confissão, os crentes expressam diante de outros o que acreditam ser verdadeiros e afirmam sua lealdade final.** A confissão implica uma certa ortopraxia - o crente não apenas afirma uma verdade teológica, mas está disposta a viver com ela. Nesse sentido, o conceito de confessar a fé de alguém é semelhante à noção de testemunha. A confissão é possível apenas no contexto de algo que pode ser contestado ou negado. Portanto, é a resposta da fé que expressa a convicção do que é verdadeiro (batatas fritas, "Bekennntnis/Konfession", 109-10). A palavra hebraica traduzida "confissão" (יָדָה, yadah) está conectada à expressão de louvor e ação de graças (Alexander, "יָדָה, yadah"). A palavra grega para "confessar" ou "reconhecer" (ὁμολογέω, homólogo) expressa a ideia de confessar e elogiar (Michel, "ὁμολογέω, homólogo", 199-220). (Frank M. Hasel, "Creeds and Confessions", ed. John D. Barry et al., O Lexham Bible Dictionary (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016). (grifo do autor)

²⁵ A mais antiga das principais confissões, “retirada da designação em latim da confissão do século 17 *Confessio Belgica*. Ela é chamada de Belga porque se refere a todos os países Baixos, tanto do norte quanto do sul [...] O principal autor da Confissão Belga foi Guido de Brès (1522-1567), um pastor itinerante reformado.”

²⁶ Nome dado pelos inimigos de um movimento que surgiu no século XVI, cujos seguidores sustentavam que o batismo requer fé, e que, portanto o batismo de crianças não é válido. A palavra “anabatista” quer dizer

2.2.2 Catecismo de Heidelberg (1563)²⁷

Chamado de “um catecismo de beleza e impacto incomuns, uma reconhecida obra-prima” (BEEKE, 2006, p. 10), é dividido em 52 seções, contendo 129 perguntas que estão divididas em três partes, a saber: Perguntas 3-11²⁸ (pecado e à miséria); Perguntas 12-85 (Redenção em e à Fé); Perguntas 86-129 (verdadeira gratidão pelo livramento por Deus).

Sobre o Batismo Infantil, o Catecismo é claro na resposta da pergunta 74 (As crianças pequenas também devem ser batizadas?):

Sim, elas devem, porque as crianças, assim como os adultos, estão incluídas na aliança e na igreja de Deus; e, desde que a redenção do pecado pelo sangue de Cristo e pelo Espírito Santo, o autor da fé, são prometidos a elas não menos quanto aos adultos, elas devem, portanto, ser admitidas na Igreja Cristã e ser distinguidas dos filhos dos incrédulos, como era feito no Antigo Testamento pela circuncisão, em lugar da qual o batismo foi instituído na nova aliança (BEEKE, 2006, p. 216).

Baseando sua resposta na aliança do AT e sua continuação no NT com a nova aliança e sua administração, o Catecismo distingue os filhos dos incrédulos dos crentes, como era no AT.

2.2.3 Segunda Confissão Helvética (1566)²⁹

A segunda Confissão Helvética é de importância muito maior (em relação a primeira), e é de fato um manual compacto da teologia reformada, contendo trinta capítulos e quase vinte mil palavras (BEEKE, 2006, p. 11).

“rebatizador”, e, portanto os próprios anabatistas não pensavam que descrevia sua postura, visto que segundo eles não estavam rebatizando a ninguém, mas simplesmente batizando aqueles cujo suposto batismo anterior não era válido. (Justo González, ed. Juan Carlos Martinez, Breve Dicionário de Teologia (São Paulo, SP: Hagnos, 2009), P. 23.)

²⁷ Foi escrito na Alemanha, “a pedido de Frederic III (1516-1575), [...] O piedoso príncipe designou Zacarias Ursino (1534-1583), um professor de teologia de 28 anos, da Universidade de Heidelberg, e Gaspar Oleviano (1536-1587), pregador da corte de Frederico, de 26 anos, para que preparassem um catecismo reformado com o objetivo de instruir jovens e orientar pastores e professores.” (Harmonia das Confissões de Reformadas, 2006, p. 10)

²⁸ A 1 e a 2 são introduções sobre o conforto do crente verdadeiro. (Harmonia das Confissões de Reformadas, 2006, p. 10)

²⁹ A primeira Confissão Helvética teve origem em 1536 devido a uma preocupação em harmonizar e consolidar o ensinamento da Reforma. [...] Embora apreciada pelo próprio Lutero, foi rejeitada devido a uma discordância a respeito da ‘presença real’ de Cristo na última ceia. [...] (Harmonia das Confissões de Reformadas, 2006, p. 9)

Seguindo padrões sistemáticos e com questões características de Calvino, esta Confissão se estrutura da seguinte forma:

A pregação de que a Palavra de Deus é a Palavra de Deus (cap. 1); Cristo é o espelho no qual devemos contemplar a nossa eleição (cap. 10); a providência e a predestinação recebem tratamentos separados; o corpo e o sangue de Cristo não são regenerados carnalmente, mas espiritualmente, ou seja, por intermédio do Espírito Santo. Porém, questões religiosas de ordem prática também são motivos de grande preocupação: oração e os cânticos, a questão dos dias santos, a catequese, a visitação aos doentes e o enterro dos mortos são discutidas (caps. 23-26), assim com questões ligadas ao casamento e ao celibato e o papel do magistrado (caps. 29-30).

Agora, quanto ao batismo infantil, a Confissão é clara exatamente no cap. 20:

Condenamos os anabatistas, que negam que as criancinhas recém-nascidas dos fiéis devam ser batizadas. Mas, segundo o ensino evangélico, “dos tais é o Reino de Deus”, e as mesmas se encontram na aliança de Deus. Por que, então, não deve o sinal da aliança de Deus ser conferido a elas? Por que não devem aqueles que são propriedade de Deus e estão na sua Igreja ser iniciados pelo santo batismo? Condenamos os anabatistas em outras das suas doutrinas peculiares, que eles sustentam em oposição à Palavra de Deus. Não somos, portanto, anabatistas e nada temos em comum com eles. (BEEKE, 2006, p. 214)

Mais uma confissão fazendo referência aos anabatistas, pois discordavam do batismo infantil, mas aqui, a Confissão acrescenta mais uma base, as palavras de Jesus em Mateus 19.14 “dos tais é o Reino de Deus”. Além de reforçar a relação da aliança de Deus com os homens.

2.2.4 Confissão de Fé de Westminster (1643-1646)³⁰

Sendo entre todas as confissões a de maior importância, por ser “a mais perfeita que elas conseguiram formular, serve de laço de união e estreita as relações entre os presbiterianos de todo o mundo.” (WESTMINSTER, 2014, p. 11) A Confissão de Fé de Westminster (CFW)

³⁰ “A notável e histórica “Assembleia de Teólogos Sábios e Eruditos” foi convocada em 12 de junho de 1643 pelo Parlamento da Inglaterra para estabelecer a doutrina da Igreja em oposição ao arminianismo, para discutir também o Governo e a Liturgia da Igreja e para defender o ensino da Igreja Anglicana.” [...] “A promulgação e adoção da Confissão de Fé foi um marco, não apenas para as igrejas da Inglaterra e da Escócia, mas para todo o Cristianismo Reformado.” Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo, 2a edição. (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014), p. 7.

é a que mais descreve sobre o batismo infantil, pois além da confissão, os seus catecismos³¹ (oriundos da confissão) maior e menor falam sobre o tema.

Sendo assim, a CFW contém 33 capítulos³² atualmente, organizados da seguinte forma: A doutrina da Escritura Sagrada – cap. 1; a doutrina de Deus (ser e obras) – caps. 2-5; a doutrina do homem e da redenção – caps. 6-9; a doutrina da aplicação da salvação – caps. 10-15; a doutrina da vida cristã – caps. 16-19; a doutrina do cristão na sociedade – caps. 20-24; a doutrina da igreja – caps. 25-31; e a doutrina das últimas coisas – caps. 32-33.

O capítulo que trata sobre o batismo é o 27, tendo 7 parágrafos, quanto ao batismo infantil os parágrafos 4 e 6 deixam claro:

IV. Não só os que professam a sua fé em Cristo e obediência a ele, mas também os filhos de pais crentes (ainda que só um deles o seja) devem ser batizados. [...] VI. A eficácia do Batismo não se limita ao momento em que é administrado; contudo, pelo devido uso dessa ordenança, a graça prometida é não somente oferecida, mas realmente manifestada e conferida pelo Espírito Santo àqueles a quem ela pertence, adultos ou crianças, segundo o conselho da própria vontade de Deus, em seu tempo apropriado. (WESTMINSTER, 2014, p. 94)

As perguntas 165-167 do Catecismo Maior tratam do batismo, especificamente a pergunta 166 quanto a relação dos filhos com o batismo, sendo da seguinte forma:

A quem deve ser administrado o Batismo? O Batismo não deve ser administrado aos que estão fora da Igreja visível, e assim estranhos aos pactos da promessa, enquanto não professarem a sua fé em Cristo e obediência a ele; porém as crianças, cujos pais, ou um só deles, professarem fé em Cristo e obediência a ele, estão, quanto a isso, dentro do pacto e devem ser batizadas (WESTMINSTER, 2014, p. 201-202).

No Catecismo Menor, são as perguntas 94 e 95, sendo a 95 destinada a deixar claro quem deve ser batizado:

A quem o Batismo deve ser ministrado? Resposta: O Batismo não deve ser ministrado àqueles que estão fora da igreja visível, enquanto não professarem sua fé em Cristo e obediência a ele, mas os filhos daqueles que são membros da igreja visível devem ser batizados (WESTMINSTER, 2014, p. 254).

³¹ “Os Catecismos especialmente têm servido para doutrinar a mocidade nas puras verdades do Evangelho.” Assembleia de Westminster, Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo, 2a edição. (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014), p. 11.

³² Em 1788 a igreja Presbiteriana nos Estados unidos omitiu o capítulo que falava sobre Magistrado Civil, deixando claro que não havia uma uniformidade da igreja com o estado, em 1888, o Sínodo do Brasil fez o mesmo. No ano 1903 a mesma Igreja do Norte dos Estados Unidos fez outras emendas mais importantes e também acrescentou mais dois capítulos à Confissão de Fé. Assembleia de Westminster, Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo, 2a edição. (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014), p. 12.

Como expresse, os pais confessionais entendiam que a prática do batismo infantil era e é bíblica, ao ponto de deixar claro em seus principais documentos com o objetivo de unificar o pensamento Reformado, servindo como laço de união e estreita as relações entre os presbiterianos de todo o mundo (WESTMINSTER, 2014, p. 11).

Desta forma, o segundo capítulo se encerra descrevendo como o Pedobatismo fora entendido por diversos reformadores e seus principais documentos, que até hoje estão em circulação sendo fonte de ensino.

3 ASPECTOS PASTORAIS

Apresentada a base Bíblica (cap. 1) e sua sistematização pelos reformadores (cap. 2), este trabalho terminará expressando a aplicabilidade da doutrina presbiteriana do batismo infantil, na igreja visível, na família e na criança. Pois embora muitas crianças nasçam em lares pactuais, nenhuma nasce em um lugar de automática segurança espiritual (WILSON, 2012, p. 39).

3.1 Na igreja³³ visível

O que se pretende por igreja visível é: “a comunidade dos que professam a verdadeira religião juntamente com seus filhos” (BERKHOF, 2012, p. 209). Em outras palavras, o lugar em que os crentes se reúnem.

Entretanto, se faz necessário deixar claro que fazer parte da igreja visível não é o mesmo que ser salvo. São salvos os que estão na igreja invisível, os eleitos. Muitos israelitas não se salvaram; como muitos cristãos não se salvam, mesmo que tenham recebido o batismo na infância ou quando adultos. [...] O batismo não salva, mas inclui no pacto dos salvos, na nação santa, tanto quanto o fazia a circuncisão (FIGUEIREDO, 1993, p. 23).

Assim, a consciência de que as crianças fazem parte do povo da aliança, deve levar não apenas os pais, mas também as igrejas a perceberem a importância do cuidado, preparo e ensino adequado para elas, zelando ao máximo para auxiliar a família no processo de evangelização, treinamento e discipulado da criança (LEITÃO, 2022, p. 54).

No período patriarcal a igreja era nos lares, não havia cultos públicos, no tempo do dilúvio, a igreja foi salva na família de Noé. E quando a verdadeira religião estava de novo quase para morrer, Deus separou para si a família de Abraão. Até o tempo de Moisés o temor de Deus mantivera-se vivo nas famílias (BERKHOF, 2012, p. 209-210).

³³ A principal designação da igreja no Antigo Testamento é derivada de uma raiz que significa “chamar”, e foi aplicada especialmente à assembleia de Israel quando se reunia para o culto. A palavra mais comum para “igreja” no Novo Testamento, que também é a mais importante, vem de um verbo que significa “chamar para fora”. Ambas as palavras consideram a igreja como uma assembleia convocada por Deus. No Novo Testamento, a palavra “igreja” é usada primeiramente por Jesus. Ele a aplicou ao grupo que se juntou em torno dele, reconheceu-o publicamente como seu Senhor e aceitou os princípios do reino do céu. Posteriormente, a palavra adquiriu diversas conotações diferentes. Louis Berkhof, Manual de Doutrina Cristã, 2a edição. (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012), p. 207.

No período mosaico a igreja foi o próprio povo, como um Estado-igreja, o culto religioso era regulado em seus menores detalhes; foi na maior parte cerimonial e ritual, e encontrou sua mais elevada expressão nos cultos do santuário em Jerusalém (BERKHOF, 2012, p. 210).

Mas só no período neotestamentário a igreja ganhou uma proporção muito maior, no dia de Pentecostes, a igreja divorciou-se da vida nacional de Israel e tornou-se uma organização independente. O que até esse tempo tinha sido uma igreja nacional assumiu então um caráter universal (BERKHOF, 2012, p. 210).

A importância dessas informações sobre a igreja e seus períodos é que em todo o seu desenrolar, não só os adultos participavam da vida cútica, mas as crianças também, e como expressado no primeiro capítulo com mais detalhes, todos com o sinal do pacto. E a luz do que fora exposto, só podem ser inseridos a igreja visível aqueles que receberam o sinal visível, o batismo, como era na antiga dispensação por meio da circuncisão.

Landes diz que para os adultos o batismo e a circuncisão são ritos de iniciação e admissão na igreja visível de Cristo e para as criancinhas, filhos de pais crentes, os mesmos ritos indicam que essas crianças são reconhecidas e arroladas como membros da igreja visível. Por meio desses ritos, os pais ingressam na igreja visível e os seus filhos menores são reconhecidos como membros infantis da mesma igreja, pela representação dos pais. Assim foi no Velho Testamento e assim é no Novo (1938, p. 26).

O batismo como a circuncisão são ritos de arrolamento ou de matrícula e admissão na igreja visível de Deus e simbolizam a regeneração. Se as crianças, no regime da do A.T, no tempo que precedeu à vinda de Cristo ao mundo, tinham o direito de receber o sinal da sua inclusão na sociedade dos fiéis, os meninos do novo regime da igreja cristã não terão menos direito ao correspondente sinal visível. As crianças poderiam perder o direito de inclusão na igreja de Deus, se esse direito lhe tivesse disso cassado, no N.T, por Jesus ou pelos apóstolos. Mas isso não se deu (LANDES, 1938, p. 27).

Por isso, as crianças têm o direito de desfrutar dos benefícios da aliança, que são: ouvir a Palavra de Deus, a oração e o privilégio de crescer fazendo parte da comunidade da fé, à medida que ele ou ela participam da vida da igreja desde a mais tenra infância (HUNT, 2007, p. 96).

Dessa forma, cada comunidade local tem a responsabilidade e o mandato bíblico de cuidar das crianças, proporcionando condições favoráveis para que elas possam desfrutar das riquezas do Reino de Deus e, no momento adequado, possam diante dessa mesma comunidade

professarem publicamente a sua fé em Jesus, declarando que Ele é o seu único e suficiente Salvador (LEITÃO, 2022, p. 55).

O pastor Presbiteriano Paulo Anglada resume a responsabilidade da igreja em dois aspectos, (1) a edificação dos membros e (2) a responsabilidade da igreja na orientação dos pais e dos filhos (2000, p. 46).

3.2 Na família

Além da igreja, a família tem uma grande responsabilidade diante da doutrina do batismo infantil. Sartelle comenta que pode parecer que tudo que os pais precisam fazer é batizar suas crianças e tudo caminhará bem. Isto é o que muitos membros nas igrejas pensam. Eles trazem seus filhos e os batizam como se isto fosse uma espécie de seguro contra incêndio. (2000, p. 25) É exatamente o contrário, os pais são responsáveis pelo desenvolvimento da criança. Um lar da aliança é o lugar ideal, quando os pais são obedientes, para que um filho aprenda a evitar as suposições erradas (WILSON, 2012, p. 39).

Bavinck constata que a família é uma instituição de Deus, um todo orgânico, que desfruta de bênçãos em comum ou de maldições em comum. Os discípulos de Jesus trazem paz à casa em que entram (Lc 10.5) e, quando Zaqueu crê, Jesus diz que a salvação tinha vindo àquela casa (Lc 19.9). Os apóstolos não apenas ensinam no templo, mas repetidamente proclamam o evangelho de Cristo nas casas das pessoas (At 5.42; 20.20). Juntamente com o cabeça da família, toda a família é salva, como aconteceu em At 11.14; 16.31. As famílias inteiras creem e foram batizadas (At 16.15, 34; 18.8; 1Co 1.16) (2012, p. 535).

Com isso, se vê uma forte relação de pais e filhos, Bavinck (2012, p. 534) expressa essa relação quando escreveu que:

Especificamente as crianças são consideradas em sua relação com seus pais. Há um tipo de comunhão entre pais e filhos no pecado e na miséria. No entanto, em oposição a isso, Deus também estabeleceu uma comunhão entre pais e filhos na graça e na bênção. Os filhos são uma bênção e uma herança do Senhor (Sl 127.3). Eles são sempre contados junto com seus pais e incluídos neles. Juntos, eles prosperam (Êx 20.6; Dt 1.36, 39; 4.40; 5.29; 12.25, 28). Juntos, servem ao Senhor (Dt 6.2; 30.2; 31.12–13; Js 24.15; Jr 32.39; Ez 37.25; Zc 10.9). Os pais devem passar para os filhos os atos e as ordenanças de Deus (Êx 10.2; 12.24, 26; Dt 4.9–10, 40; 6.7; 11.19; 29.29; Js 4.6, 21; 22.24–27). A aliança de Deus com seus benefícios e bênçãos se perpetua de pai para filho e de geração a geração (Gn 9.12; 17.7, 9; Êx 3.15; 12.17; 16.32; Dt 7.9; Sl 105.8; e assim por diante). Embora a graça não seja herdada automaticamente, via de regra ela é concedida no decorrer das gerações.

Schaeffer observa que no AT, Deus disciplinava os pais que não circuncidavam os filhos. Moisés e Zípora descobriram isso com desgosto. Deus não trata dessa maneira o seu povo desta era (Nova Aliança). Por isso as pessoas não são consumidas quando colhem espigas no dia do Senhor; no entanto, guardam o dia do Senhor porque amam o Senhor. Não são mortos nesta era por não batizarem seus filhos, não obstante devem fazê-lo porque Deus assim deseja. O batismo dos filhos é parte do seu privilégio como cristão (2020, p. 17).

A Bíblia apresenta de maneira muito clara que a educação dos filhos é uma responsabilidade dos pais (Deut 6.20-25; Sl 78; 127; Pv 13.24; 22.15; 29.17). Essa ordem enfática de Deus precisa fazer parte do cotidiano da vida em família (LEITÃO, 2022, p. 53).

Diante disso, os pais, devem entrar na aliança com Deus prometendo-lhe fidelidade em relação à criança. É papel dos pais educar os filhos. É privilégio dos pais, em muitos casos, conduzir os filhos a Cristo. Os pais cristãos não devem depender dos esforços evangelísticos da igreja direcionados aos filhos dos membros quando eles se tornam adolescentes, ou mesmo adultos, para conduzi-los a Cristo (SCHAEFFER, 2020, p. 17).

Anglada (2000, p. 47) colabora afirmando que a importância dos pais gira entorno de duas responsabilidades:

(1) Conforto no sentido de que os filhos pertencem ao pacto. A não ser que rejeitem quando adultos, essa é a condição deles. (2) Responsabilidades: fazer os filhos conhecerem a sua condição de pertencentes ao pacto. Serem fiéis (dando-lhes bom testemunho). Educá-los no temor do Senhor.

Em vista do pacto que Deus fez com Abraão e as famílias (Gn 17), renovado por Moisés (Deut. 29.9-18) e Josué no final da vida com as seguintes palavras: “Eu e minha casa, porém, havemos de servir ao Senhor” (Js 24.15). Indica que família deve ser uma unidade religiosa, em que todos seguem o mesmo Deus (LANDES, 1938, p. 76).

Doutra maneira pode se encontrar evidência no NT da importância e consequências da criança fazer parte da família da aliança. O próprio Jesus cura os filhos como a filha de um oficial judeu em Mateus 9.18-19; 23-26; o filho epilético em Mateus 17.14-18; um filho que estava a morrer em Lucas 7.11-17; o filho de um oficial da cidade de Carfanaum. Em cada um dos casos mencionados, a criança foi restaurada por causa de seu pai ou mãe (SARTELLE, 2000, p. 23).

Além dos textos mencionados, 1Cor 7.13-14 é um texto que mostra diretamente as influências da família na vida de seus filhos:

e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido. Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. **Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.**(grifo do autor)

Para entender tal declaração, deve-se lembrar que os termos *santificar* e *santificação* na Bíblia referem-se não só ao processo pelo qual o Espírito Santo nos molda à imagem de Cristo, mas também ao ato ou estado de ser separado (SPROUL, 2017, p. 506).

O que se pretende com isso é deixar claro que Paulo não está falando que os filhos são salvos ou puros, mas sim, separados apenas. “Para os judeus, esta ideia tinha forte significado com relação à aliança. Ser santificado significava ser separado a um estado consagrado. Assim, Paulo estava dizendo que um incrédulo é separado – não salvo – por meio da fé da esposa” (SPROUL, 2017, p. 506).

Então, Sproul chega na conclusão de que Paulo diz que se apenas um dos pais for cristão, homem ou mulher, marido ou esposa, o outro cônjuge é santo ou separado, e, por isso, os filhos não são imundos, mas santos. Este, portanto, é um ensinamento explícito no Novo Testamento de que os filhos de, pelo menos, um crente são considerados santos e puros. Se esta for realmente uma linguagem relativa à aliança, isso significa que os filhos de um único crente são membros da comunidade da aliança. E, se são membros da comunidade da aliança, por que não deveriam receber o sinal da aliança? (Idem)

Assim, Deus dá uma tremenda responsabilidade aos pais com relação a sua família. Deus tem uma mensagem com alvos e propósitos tremendos para os pais, juntamente com resultados abençoados. Mas esta mensagem inclui um método. Existe uma promessa na Aliança. Existe uma responsabilidade na Aliança. Dentro da Aliança existe um alvo, um propósito, um método e um resultado. O método é o seguinte: Modelem as crianças (GRONINGEN, 2009, p. 123).

Os puritanos encontraram uma orientação riquíssima acerca do lar no Salmo 101 que podem ser úteis na vida prática. Em poucas palavras, esse salmo apresenta o compromisso de um líder em ser íntegro no lar e na esfera de sua autoridade (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 1216).

1Cantarei a misericórdia e o juízo; a ti, Senhor, cantarei. 2Portar-me-ei com inteligência no caminho reto. Quando virás a mim? Andarei em minha casa com um coração sincero. 3Não porei coisa má diante dos meus olhos; aborreço as ações daqueles que se desviam; nada se me pegará. 4Um coração perverso se apartará de mim; não conhecerei o homem mau. 5Aquele que difama o seu próximo às escondidas, eu o destruirei; aquele que tem olhar altivo e coração soberbo, não o suportarei. 6Os meus olhos procurarão os fiéis da terra, para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse me servirá. 7O que usa de engano não ficará dentro

da minha casa; o que profere mentiras não estará firme perante os meus olhos.
8Pela manhã destruirei todos os ímpios da terra, para desarraigar da cidade do Senhor
todos os que praticam a iniquidade.

Liderando a família com justiça e misericórdia – David Dickson (1583-1662) observou que a determinação de Davi em “cantar” esses assuntos mostra que para ele sua responsabilidade primeira como líder era “alegrar-se em todos os atributos do rei”. Especificamente falando, Davi estava se alegrando “na misericórdia e no juízo”. [...] Assim, os donos da casa devem liderar a família tanto com amor quanto com justiça. (Idem)

Fazendo devocionais pessoas – Baseado no v. 2 do salmo 101, proceder piedosamente no lar requer momentos de buscar a comunhão pessoal com Deus. Em outras palavras, os puritanos reconheciam que a vontade de Davi de que Deus viesse a ele era em parte um desejo de que o reino de Deus se manifestasse no governo de Davi. Essa observação lembra aos pais que precisam buscar a presença graciosa de Deus, visto que sem Cristo nada pode ser feito como pais cristãos (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 1219).

Comportar com integridade piedosa no lar – Ainda no versículo 2, a palavra hebraica traduzida por “íntegro” se refere à completude ou inteireza, em contraste com a religião sem entusiasmo e hipócrita. [...] Gerge Swinnok (1627-1673) escreveu que Davi não era hipócrita, não vestia suas melhores roupas quando saía e as tirava quando voltava, mas a pureza era seu traje tanto fora quanto dentro de casa. Assim, se um homem é verdadeiramente santo, mostra isso tanto em casa quando fora (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 1220-1221).

Manter a pureza no lar – No v. 3 encontra-se outra direção, a palavra traduzida por “desonestidade” se refere a uma iniquidade que corrompe a moralidade – um instrumento de Satanás. A palavra “participarei” dá a entender uma relação íntima; é a mesma palavra empregada para o casamento (Gn 2.24). Assim, a liderança espiritual no lar pode exigir que nos lares sejam limitadas ou desligadas algumas formas de mídia ou de tecnologia, ou até que sejam canceladas (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 1222).

Fazer cultos no lar – Por último, o culto no lar. Os puritanos levavam tão a sério o dever do culto doméstico que consideravam que o descuido com a devocional e o catecismo no seio familiar “quebrava a aliança com Deus e entregava a álamo dos filhos nas mãos do Diabo”³⁴.

Para os puritanos o culto doméstico era de grande importância, eles afirmavam que:

³⁴ Thomas Manton, “Epistle to the reader”, in: Westminster Confession of Faith (Glasgow: Fre Presbyterian Publications, 2003), p. 10

É bastante óbvio como os esforços sérios de pais e senhores piedosos podem contribuir para um amadurecimento ainda cedo, nos tenros anos, daqueles que estão sob sua supervisão. Isso se vê não somente na influência especial que exercem sobre eles, no que diz respeito à sua autoridade sobre eles, ao seu interesse por eles, à sua presença contínua com eles e às suas frequentes oportunidades de ajudá-los, mas também nos tristes efeitos que, em experiências deploráveis, descobrimos que são o resultado da omissão nesse dever (MANTON, 2003, p. 5).

O culto doméstico era um exemplo marcante da doutrina da Reforma sobre o sacerdócio de todos os crentes. Os pais cristãos participavam da unção de Cristo para atuarem como profetas, sacerdotes e reis, o que faziam por meio da autoridade que Deus lhes outorgou para exercerem no lar (JOEL R. BEEKE E MARK JONES, 2016, p. 1224).

3.3 Na criança

A importância da criança é de grande relevância para a religião e para a sociedade, isso foi demonstrado desde os tempos antigos, ou seja, primórdios da humanidade. As crianças, especialmente os filhos, são altamente valorizados na antiguidade primitiva porque aumentam a força de uma família e de um Estado. Seu nascimento é recebido com festejos (GERHARD KITTEL, 2013, p. 109).

GERHARD relata que o AT enfatiza o amor dos pais (Gn 22.2; 1Rs 3.26), mas exige obediência por parte dos filhos (Êx 20.12). O balbúcio das crianças glorifica Deus (Sl 8.2). As crianças podem ser ignorantes e voluntariosas (Is 3.4; Ec 10.16; cf. Gn 8.21), e elas precisam de disciplina (cf. 2Rs 2.23ss.), mas a criança messiânica é altamente estimada (Is 7.14ss.), pois a promessa do descendente da mulher feita em Gn 3.15 era aguardado. Ainda, ele diz que desde AT não se vê as crianças como inocentes. Embora se enfatize a responsabilidade individual (Jr 31.29–30; Ez 18.2ss.), há uma ligação de pecado, culpa e punição (cf. Sl 51.5; Gn 3) que somente Deus pode romper. Uma vez que fora passado de pai para filho as consequências do pecado original. (idem)

Mas também, no NT As crianças estão incluídas na comunidade, tomam parte em eventos cruciais (At 21.5), estão presente no culto (20.9, 12) e devem receber instrução (Ef 6.1ss.). (Idem). Desta forma, se vê como as crianças são importantes para Deus e como precisam ser dadas as devidas atenções. Anglada (2000, p. 47) diz que:

quando os filhos chegarem à idade da razão, saberão que pertencem à aliança e se perguntarão: O que isto significa? E serão tão beneficiados com o batismo quanto aqueles que são batizados quando adultos. Gozam de todos os privilégios da igreja

visível: oração, conselhos, disciplina, ensino da Palavra, exemplos dos outros fiéis, e principalmente das promessas referentes ao pacto.

Com isso, pode-se notar a influência de pertencer a família da aliança na vida espiritual, social e cultural da criança:

Espiritual - É importante ressaltar que na perspectiva reformada presbiteriana a criança não entra na família da aliança por si só, mas sim, por causa de Deus. Wilson esclarece que um filho não tem de se unir à aliança; o soberano Deus já o uniu ao povo da aliança colocando-o em um lar crente. Naturalmente, tal garoto deve ter o que se chama de fé evangélica, a fim de manter sua membresia pactual (2012, p. 43). O que Wilson quer dizer sobre fé evangélica não é que ela acredita por si, mas sim, por fazer parte de evangélicos(igreja), em um lar evangélico(pais), ela se torna participante dessa mesma fé evangélica nominalmente.

Por causa disso, ele tem responsabilidades na vida cristã, apesar de não ter uma experiência particular de conversão. Para Wilson é um erro teológico geralmente cometido acerca da natureza da aliança assumir que os filhos estão alheios às obrigações do pacto mesmo tendo nascido em um lar cristão, e que não estão sujeitos a nenhuma obrigação pactual até que façam a escolha individual de “se afiliar”. (Idem)

Assim, as promessas do evangelho estão diante deles (dos filhos), havendo toda razão para crer que o Espírito Santo tenha iniciado neles a sua obra, iniciação que é a inclusão no pacto, por meio dos pais. Por isso, recebem o batismo como sinal e selo da eleição divina, reconciliação e regeneração. À medida que crescem, poderão vir rapidamente à fé e ao arrependimento individuais. Por outro lado, pode ser que se afastem por um tempo, talvez para sempre (BROMILEY, 2010, p. 90).

Cultural - Groningen expressa a importância dos filhos ao afirmar que eles são formados nos ventres das suas mães por Deus, e se perfeitos ou deficientes, eles representam a Deus igualmente. Também aponta que os filhos são agentes de Deus no mundo. Os filhos são os meios para a continuação do trabalho de Deus na Terra, e caso as famílias da aliança não tiverem filhos, não haverá agentes para perpetuarem o trabalho do reino de Deus na cultura, sociedade e áreas espirituais da vida, a saber, missões, igreja e educação cristã (2009, p. 129).

Social - Finalizando sobre a importância do batismo sobre a vida dos filhos, se faz necessário fazer uma relação de filhos de famílias pactuais e não pactuais. Os filhos nascidos de pais debaixo da Aliança e os nascidos de pais não-crentes que rejeitam a Aliança e que por causa disso vivem basicamente debaixo da maldição (GRONINGEN, 2009, p. 134).

Dessa forma, os filhos nascidos de pais debaixo da Aliança são separados por Deus, não porque são nascidos de novo, mas porque estão num contexto muito diferente do daqueles filhos que nascem de pais não-cristãos (Idem).

Por causa disso, a criança recebe instruções baseadas na Bíblia, que influencia sua relação com o próximo, assim como sua cosmovisão, porque dentro da família da aliança, ela será modelada pelo exemplo dos pais, ensinada biblicamente, treinada em como responder e como viver o que aprendeu (GRONINGEN, 2009, p. 135-136).

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, o batismo infantil é uma doutrina praticada em igrejas reformadas como a presbiteriana por causa das bases Bíblicas, aceitação e desenvolvimento pelos reformadores, além de sua aplicabilidade na vida prática na igreja, da família e da criança.

Isso pelo fato de que o Antigo Testamento não ser distinto do Novo Testamento em termos de aliança, pelo contrário, ambos seguem a mesma direção, e é progressiva. Enquanto o AT fala do que virá, o NT fala do que se cumpriu. Um exemplo é a aliança que Deus fez com Abraão, aliança essa que foi marcada pelo sinal e selo da circuncisão aos pequenos no oitavo dia. Marcando sua inclusão no pacto.

Além desta aliança, outras foram estabelecidas fruto da aliança da graça feita em Adão, e que se desenvolvem ao ponto de chegarem ao seu ápice, na pessoa de Cristo. Em Cristo, o sinal da aliança ganha outra forma, a saber, o batismo.

O batismo nas águas é o novo sinal instituído por Cristo para aqueles que farão parte do povo da aliança, o povo que Deus deu início com Abraão. Desta feita, os seus filhos também recebem o sinal da aliança no NT.

Os reformadores entenderam assim por causa da doutrina da aliança. Devido a aliança da redenção, Deus fez uma aliança com Adão, e que por ter quebrado, demonstrou sua graça em uma nova aliança. Aliança essa que se estenderá até Cristo de forma progressiva por meios das administrações dessa mesma aliança.

Começando com Adão, depois Noé, em seguida Abraão - que será nesta administração que a aliança da graça ganha proporções universais -, depois para Moises e Davi, e que por fim, em Cristo, onde a aliança é cumprida na pessoa do Filho de Deus.

Entendido isso, os reformadores produziram documentos que sistematizavam essa doutrina na vida prática, instruindo os pais a marcarem seus filhos com o sinal da aliança, sinal este que Jesus, nem os apóstolos negam aos filhos dos crentes.

Desta forma, uma vez participantes da família da aliança, a igreja tem como responsabilidade incluir os filhos na vida da igreja, da mesma forma a família, com uma responsabilidade maior ainda. Mas o batismo não coloca responsabilidade somente na igreja e nos pais, a criança por causa desta graça, em fazer parte da família da aliança, tem oportunidade de ouvir e ser instruído por meio do evangelho desde pequeno. Assim, da mesma forma que tem o privilégio de conhecer a Cristo, da mesma forma se torna indesculpável ao negá-lo.

Bibliografia

- ALLEN, L. C. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, v. 1, 2011.
- ANGUS, J. **História, Doutrina e Interpretação da Bíblia**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Hagnos, 2004.
- BAVINCK, H. **Dogmática Reformada**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, v. IV, 2012.
- BEEKE, J. R. **Harmonia das Confissões de Reformadas**. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Crstã, 2006.
- BERKHOF, L. **Manual de Doutrina Cristã**. 2ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2012.
- BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. 4ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2012.
- BROMILEY, G. W. **Filhos da Promessa**. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2010.
- CALVINO, J. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. 1ª. ed. São Paulo-SP: FIEL, 2010.
- CALVINO, J. **As Institutas**. São Paulo: Cultura Cristã, v. 4, 2006.
- CLARK, R. S. The Heidelblog. **Site da The Heidelblog**, 2013. Disponível em: <<https://heidelblog.net/2013/07/is-there-a-covenant-of-grace/>>. Acesso em: 3 mar. 2022.
- FIGUEIREDO, R. O. **Batismo, sinal do pacto**. São paulo-SP: Secretaria de Imprensa e Literatura , 1993.
- FREDERICKS, B. K. W. E. C. J. **Comentário do Antigo Testamento**. 1ª. ed. São Palo-SP: Cultura Cristã, 2010.
- GERHARD KITTEL, G. F. E. G. W. B. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, v. I & II, 2013.
- GOLDSWORTHY, G. **Introdução à teologia bíblica**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Vida Nova, 2018.
- GONZÁLEZ, J. **Breve Dicionário de Teologia**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Hagnos, 2009.
- GRONINGEN, G. V. **A família da Aliança**. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2009.
- HANKO, R. R. **O Pacto com Davi**. Brasília-DF: Monergismo, 2007.

HANKO, R. R. **A Unidade da Escritura**. Sita da Monergismo, 2008. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/bibliologia/a-unidade-escritura_dag_r-hanko.pdf>. Acesso em: 24 Março 2022.

HENDRIKSEN, W. **A aliança da graça**. Michigan-EUA: Wm. B. Eerdmans , 1932.

HENDRIKSEN, W. **1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon, Comentário do Novo Testamento**. 2ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

HOEKEMA, A. A. **A Bíblia e o Futuro**. 3ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2012.

HUNT, S. **Herdeiros da Aliança**. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2007.

JOEL R. BEEKE E MARK JONES. **Teologia Puritana: Doutrina para a vida**. 1ª. ed. São Paulo - SP: Fiel, 2016.

JOHN P. SARTELLE, J. F. E. P. A. J. P. **O Batismo Infantil**. 1ª. ed. Recife-PE: Os Puritanos, 2000.

KISTEMAKER, S. **Atos Comentário do Novo Testamento**. 2ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, v. I, 2016.

LANDES, P. **Estudos Bíblico sobre o Batismo de Crianças**. 3ª. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1938.

LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Vida Nova, 2002.

LEITÃO, R. **Por que batizamos nossos filhos?** São Paulo-SP: Z3 Editora, 2022.

MANTON, T. **"Epistle to the reader" Westminster Confession of Faith**. Escócia: Fre Presbyterian Publications, 2003.

MCCONVILLE, G. J. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2011.

MULLINS, E. Y. **A Religião Cristã na Sua Expressão Doutrinária**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Hagnos, 2005.

NICOLE, R. Bible Research. **Site da Bible Research**, 2012. Disponível em: <<http://www.bible-researcher.com/nicole.html>>. Acesso em: 3 Março 2022.

PINTO, C. O. C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2ª. ed. São Paulo-SP: Hagnos, 2014.

ROBERTSON, P. **Aliança**. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

SARTELLE, J. P. Monergismo. **monergismo.com**, 2022. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/batismo/batismo_sartelle.htm>. Acesso em: 14 abril 2022.

SCHAEFFER, F. A. **Batismo**. Brasília-DF: Monergismo, 2020.

SPROUL, R. C. **Estudos Bíblicos Expositivos em Mateus**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Editora Cultura Cristã, 2017.

SPROUL, R. C. **Somos Todos Teólogos: Uma Introdução à Teologia Sistemática**. 1ª. ed. São Paulo-SP: FIEL, 2017.

TURRETINI, F. **Compêndio de Teologia Apologética**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, v. 2, 2010.

VAUX, R. D. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Teológica, 2003.

VOS, G. **Teologia Bíblica**. 1ª. ed. São Paulo - SP: Cultura Cristã, 2010.

WATSON, T. E. **Bebês devem ser batizados?** São Paulo: Fiel, 1999.

WALTKE, B. ; FREDERICKS, C. J. **Gênesis, Comentário do Antigo Testamento**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2010.

WESTMINSTER, A. D. **Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo**. 2ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2014.

WHITCOMB, K. A.; KIROS, G. **Dicionário Bíblico Lexham**. 1ª. ed. Bellingham-WA: Lexham, v. 1, 2020.

WILSON, D. **Futuros Homens, Criando meninos para enfrentar gigantes**. 2ª. ed. São José-PE: CLIRE, 2012.

WOOLSEY, A. A. **Unidade e Continuidade na Teologia da Aliança**. 1ª. ed. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2015.